

A NATUREZA EM “O MORRO DOS VENTOS UIVANTES”, DE EMILY BRONTË

Verônica Pastre Ballestero

UNESP
Faculdade de Ciências e Letras,
Campus Araraquara

(v.ballestero@unesp.br)

Coautor: Aparecido Donizete Rossi

UNESP
Faculdade de Ciências e Letras,
Campus Araraquara

(aparecido.rossi@unesp.br)

1

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o *locus horribilis* de *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë, e a forma como ele é utilizado não apenas para criar uma estética e atmosfera gótica, mas também se constitui como um personagem no enredo influenciando os demais atores que se encontram nessa narrativa e seus comportamentos. Com base na definição do gótico presente nos estudos de Fred Botting (1996) e Júlio França (2017), nas reflexões acerca da Ecocrítica em Abdurahman Adisaputera et al. (2020) e nos estudos sobre Ecogótico e Ecohorror de Andrew Smith e William Hughes (2013) e Teresa Fitzpatrick (2023), nos postulados da Teoria e Crítica Literária em Sandra M. Gilbert e Susan Gubar (2020) e Antonio Candido (2009) acerca dos personagens nas narrativas. O cenário e a ambientação do romance serão analisados como personagens da narrativa, de grande importância na construção dos demais actantes, nas suas relações dentro da trama e nos sentimentos que a narrativa provoca em seus leitores.

Palavras-chave: *O morro dos Ventos Uivantes*; Gótico; Ecogótico.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Verônica Pastre Ballestero

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras (Unesp), campus de Araraquara, seguindo a linha de pesquisa de teorias e crítica da narrativa, com o projeto de pesquisa intitulado “A representação feminina no cinema de fantasia”. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da FCLAr (Unesp) em 2024, com projeto de pesquisa intitulado “A transposição das personagens femininas de Harry Potter para o cinema: uma análise da representatividade feminina de Gina Weasley” dentro da linha de pesquisa de relações intersemióticas. Graduada no curso de Letras - Português e Espanhol da FCLAr (Unesp), 2022, e no curso de Letras - Inglês da FCLAr (Unesp), 2024.



2



lattes.cnpq.br/8687240878329936



orcid.org/0009-0006-6824-7781

Cido Rossi

Professor de Literatura Inglesa na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP em Araraquara, onde também realizou sua graduação, mestrado e doutorado. Atua no curso de graduação em Letras e no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da mesma instituição. Atualmente, desenvolve pesquisas e orientações sobre o Gótico, o Fantástico e a Fantasia sob as perspectivas da Desconstrução derridiana, da Psicanálise freudiana-junguiana e dos pós-estruturalismos. É líder do grupo de pesquisa Vertentes do Fantástico na Literatura (UNESP/CNPq) e membro dos grupos de pesquisa Estudos do Gótico (UERJ/CNPq) e Nós do Insólito (UERJ/CNPq). É também membro da International Gothic Association e pesquisador Produtividade em Pesquisa do CNPq – nível C (processo: 304019/2025-9).



lattes.cnpq.br/0428069285054155



orcid.org/0000-0003-3930-1284

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

A NATUREZA EM “O MORRO DOS VENTOS UIVANTES”, DE EMILY BRONTË

Verônica Pastre Ballestero

UNESP
Faculdade de Ciências e Letras,
Campus Araraquara
(v.ballestero@unesp.br)

Coautor: Aparecido Donizete Rossi

UNESP
Faculdade de Ciências e Letras,
Campus Araraquara
(aparecido.rossi@unesp.br)

3

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Morro dos Ventos Uivantes, romance publicado pela primeira vez no ano de 1847, é, até hoje, uma das obras mais conhecidas da literatura de língua inglesa e, por isso, Emily Brontë, sua autora, graças ao seu trabalho com um tema central atemporal – o amor proibido ou impossível –, é hoje uma das escritoras mais conhecidas do mundo.

A estética da obra, repleta de elementos românticos – ainda que publicada quase no final do período de auge do Romantismo na Inglaterra – e góticos, reveste-se de grande importância na construção do enredo e das suas personagens. Esses mesmos elementos contribuem para a relevância que a obra tem no contexto literário e junto dos seus leitores, desde a sua publicação até os dias de hoje, ainda que com uma interpretação diferente. Um excelente exemplo dessa importância contemporânea da obra é a menção dela e a retomada de seu ambiente na saga publicada de 2005 a 2020, *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer.

Talvez a popularidade desta obra se deva ao fato de o seu estilo e composição permitirem ao leitor uma viagem às charnecas do morro dos ventos uivantes, alcançando a dimensão da ficção como um lugar ontológico privilegiado:

A ficção é um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação. (Rosenfeld, 2009, p. 38)

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Neste ensaio, pretende-se explicar como o ambiente e as suas descrições na trama são fundamentais para a compreensão das personagens, do seu comportamento, das relações que estabelecem entre si e do efeito que isto causa nos leitores a ponto de produzir-se adaptação cinematográfica da obra em análise até a atualidade, 2026. Além disso, será abordada a forma como o romantismo e o gótico, especificamente o ecogótico, desempenham um papel muito importante na construção do ambiente e como isso influencia a leitura deste romance da literatura vitoriana.

Com base na análise realizada por Abdurahman Adisaputera *et al.* (2020) e nas perspectivas de Teresa Fitzpatrick (2023) sobre o ecogótico e o ecohorror, será analisado como a ecocrítica pode contribuir para a compreensão do enredo do romance de Emily Brontë e das personagens nele presentes, bem como a sua relação com o ambiente no qual estão inseridas. Assim, tendo como base Fred Botting (1996) e Júlio França (2017), serão também discutidas as formas do romantismo e do gótico na caracterização do ambiente, na natureza que cerca os personagens e na construção da atmosfera gótica do enredo, avaliando como isto e a perspectiva da ecocrítica contribuem para a recepção que o leitor terá da obra; neste contexto, os trabalhos de Antonio Candido (2009) acerca das personagens na ficção e de Sandra M. Gilbert e Susan Gubar (2020) sobre a escrita feminina no século XIX em *The madwoman in the attic*, serão tomados como base para definir a natureza da charneca como um dos personagens principais do romance.

ROMANTISMO E GÓTICO

Abordando um pouco a estética romântica, o ambiente é, também, um ponto muito importante para esta corrente literária, especialmente no Romantismo Britânico, que surge na poesia com a valorização e exaltação da Natureza como uma força poderosa que rodeia todas as pessoas e que apenas a poesia consegue, de alguma forma, alcançar. Neste sentido, os elementos humanos e não humanos da Natureza estariam sempre em conexão, sendo esta relação entre eles algo intrínseco aos seres humanos.

Nas palavras de Sandra M. Gilbert e Susan Gubar (2020, p. 262, grifos das autoras): “as *King Lear* implies, hell is simply another word for uncontrolled ‘nature’, and here as elsewhere *Wuthering Heights* follows *Lear’s* model”¹. Assim, para além da relação já estabelecida com a Natureza pelos românticos, Emily Brontë aborda a mesma como algo que não pode ser controlado e, dessa forma, é tido como infernal, mais além:

¹ “Como *King Lear* insinua, o inferno é simplesmente outra palavra para ‘natureza’ não controlada, e aqui como em outros pontos *Wuthering Heights* segue o modelo de *Lear*.” (tradução minha).

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

this hellish nature is somehow female or associated with femaleness, like an angry goddess shaking locks of ice and introducing Lockwood (and the readers) to the female rage that will be a central theme in *Wuthering Heights*. [...] Female nature has risen [...] in a storm of protest [...]² (Gilbert; Gubar, p. 262, grifo das autoras)

Não é simplesmente a Natureza que tem uma participação importante no enredo de *O Morro dos Ventos Uivantes*, mas sim a Natureza que se relaciona ao feminino e, portanto, pode ser temida e demonizada ao se mostrar rebelde e hostil para a sociedade. Nota-se, portanto, que a Natureza que cerca os personagens tem vontade própria e se impõe no enredo; sua voz não é ouvida apenas através dos ventos que passam pelo morro, mas também pela voz dos personagens que personificam a Natureza em si: Heathcliff, Catherine e Nelly.

Sandra M. Gilbert e Susan Gubar afirmam que Heathcliff e Catherine são, juntos, uma força da Natureza, não necessariamente feminina, mas sim andrógina e, ao passo que Catherine rompe seus laços com a sua natureza, ela tem a sua queda e falência, o mesmo acontece a Heathcliff ao ver parte de si inserida nos bons costumes de Thrushcross Grange. A união das almas dos dois ao final do romance é vista como o retorno ao equilíbrio do ambiente e à reconexão com a Natureza, que segue sendo infernal, por não seguir os padrões pressupostos pela sociedade vitoriana do século XIX.

Se por um lado, Heathcliff e Catherine são a personificação da Natureza Infernal, Nelly Dean é a personificação de uma Natureza superior, onisciente, quase como uma deusa que observa as ações de perto sem, contudo, se envolver nas mesmas:

Like a wall or a fixture, moreover, Nelly has a certain impassivity, a diplomatic immunity to entangling emotions. Though she sometimes expresses strong feelings about the action, she manages to avoid taking sides – or, rather, like a wall, she is related to both sides. Consequently, as the artist must, she can go anywhere and hear everything.³ (Gilbert; Gubar, 2020, p. 290)

² “Essa natureza infernal é de alguma forma feminina ou associada com o feminino, como uma deusa enfurecida sacudindo seus cabelos de gelo e introduzindo Lockwood (e os leitores) à fúria feminina que será o tema central em *Wuthering Heights*. [...] A natureza feminina se levanta [...]em uma tempestade de protesto [...].” (tradução minha).

³ “Como um muro ou um acessório, mais além, Nelly tem certa impassividade, uma imunidade diplomática para enredar emoções. Embora ela expresse emoções fortes sobre as ações em alguns momentos, ela as gerencia para evitar tomar lados – ou, em vez disso, como um muro, ela pertence aos dois lados. Consequentemente, como o artista deve, ela pode ir a qualquer lugar e ouvir qualquer coisa.” (tradução minha).

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Para as autoras, Nelly é classificada como um muro que tem relações tanto com o lado transgressor e que se recusa a seguir os pressupostos patriarcais e machistas da época do Morro dos Ventos Uivantes, quanto com o lado patriarcal e burguês de Thrushcross Grange. Entretanto, mais do que isso, a sua narração dos fatos é uma forma de dar voz à Natureza que foi abandonada por Catherine e negada por Heathcliff. Nelly é mais do que a narradora onisciente e que não toma partido nas ações, ela é a voz da testemunha principal dos fatos e que estava silenciada até a chegada do curioso Lockwood: a própria Natureza, as charnecas.

Além da representação romântica da Natureza e da personificação da mesma, Emily Brontë lança mão do gótico para construir o ambiente que cerca as suas personagens. A tradição da estética gótica conta com alguns elementos-chave na sua construção; são eles:

Entre os muitos elementos convencionais dessa tradição, três se destacam por sua recorrência e importância para a estrutura narrativa e a visão de mundo góticas. São eles: o **locus horribilis**, a **personagem monstruosa** e a **presença fantasmagórica do passado**. Obviamente, tais elementos não são, por si só, exclusivos do Gótico. No entanto, podem ser descritos como os aspectos fundamentais da narrativa gótica quando aparecem em conjunto e sob o regime de um modo narrativo que emprega técnicas de suspense em enredos que objetivam a representação dos horrores e das ansiedades de uma época por meio da produção de efeitos estéticos relacionados ao medo, ao sublime terrível ou ao grotesco. (França, 2017, p. 2, grifos meus)

Esses três elementos estão presentes em conjunto no romance de Emily Brontë, sendo assim, é possível afirmar que *O Morro dos Ventos Uivantes* é um romance gótico: a) o *locus horribilis* são as charnecas; b) a personagem monstruosa, são na verdade muitas, mas a Natureza, Heathcliff e Catherine, são as principais; c) e a presença fantasmagórica do passado se dá de várias formas ao longo do enredos, seja na inscrição acima da porta da casa da família Earnshaw com o nome de seu patriarca, seja na própria presença do fantasma de Catherine e, depois, de Heathcliff nos Morros após a morte de ambos.

Spectres, monsters, demons, corpses, skeletons, evil aristocrats, monks and nuns, fainting heroines and bandits populate Gothic landscapes as suggestive figures of imagined and realistic threats. This list grew, in the nineteenth century, with the addition of scientists, fathers, husbands, madmen, criminals and the monstrous double signifying duplicity and evil nature. Gothic landscapes are desolate, alienating and full of menace. In the eighteenth century they were wild and mountainous locations. Later the modern city combined the natural and architectural components of Gothic grandeur and wildness, its dark,

DOSSIÊ "GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO"

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

labyrinthine streets suggesting the violence and menace of Gothic castle and forest.⁴ (Botting, 1996, p. 2)

7

A monstrosidade, a partir do século XVIII, deixa de estar relacionada apenas a figuras do horror e passa a trazer a própria realidade e comportamentos humanos como elementos insólitos, góticos e aterrorizantes nas narrativas. Assim, ao lançar mão de elementos góticos e românticos na composição das obras, “signify darker forces of individual passion, natural energy and social restriction”⁵ (Botting, 1996, p. 84). Mais além, como já notado tanto por Fred Botting (1996) quanto por Sandra M. Gilbert e Susan Gubar (2020), Emily Brontë trabalha com a figura do duplo em seu romance, estabelecendo uma distinção entre a natureza-selvagem e a cultura-civilizada:

The distinctions between nature and culture, between individual passions and social rules do not simply distinguish the artificial repressiveness of social forms from the irruption of primitive desires. They are as artificial as the constructions of an originary and natural Gothic world to which they allude, **a legacy of eighteenth-century and Romantic distinctions between civilisation and wildness.**⁶ (Botting, 1996, pp. 84-85, grifo meu)

Em Sandra M. Gilbert e Susan Gubar (2020), a transgressão na obra de Emily Brontë se relaciona com a negação de valores patriarcais da sociedade vitoriana do século XIX, assim, a autora toma os pressupostos acerca do que era considerado civilizado e o que era considerado selvagem e modifica o juízo de valor sobre eles. Thrushcross Grange, local civilizado e onde prevalecem os “bons costumes” da época, é o inferno de Catherine e Heathcliff, ao passo que Wuthering Heights, onde eles podiam expressar livremente a natureza deles pelas charnecas, é o paraíso de ambos, por isso, após a sua morte, seus fantasmas ainda vagam por aquelas terras.

⁴ “Espectros, monstros, demônios, cadáveres, esqueletos, aristocratas malvados, monges e freiras, heroínas desmaiadas e bandidos povoam as paisagens góticas como figuras sugestivas de ameaças imaginárias e reais. Esta lista cresceu, no século XIX, com a adição de cientistas, pais, maridos, loucos, criminosos e o duplo monstruoso, que simboliza a duplicidade e a natureza maligna. As paisagens góticas são desoladas, alienantes e cheias de ameaças. No século XVIII, eram locais selvagens e montanhosos. Mais tarde, a cidade moderna combinou os componentes naturais e arquitetônicos da grandiosidade e da selvageria góticas, com as suas ruas escuras e labirínticas a sugerirem a violência e a ameaça dos castelos e florestas góticas.” (tradução minha).

⁵ “significa forças mais sombrias de paixão individual, energia natural e restrição social.” (tradução minha).

⁶ “As distinções entre natureza e cultura, entre paixão individual e regras sociais não distinguem simplesmente a repressão artificial das formas sociais à manifestação dos desejos primitivos. Elas são tão artificiais quanto as construções de um mundo Gótico originário e natural ao qual eles aludem, um legado das distinções do século XVIII e do Romantismo entre civilização e selvageria.” (tradução minha).

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Além da transgressão e subversão de valores da época, pode-se classificar o romance em análise como Romântico-Gótico ao passo que tem como mudança a internalização das formas góticas, assim: “the gloom and darkness of sublime landscapes becoming external markers of inner mental and emotional states”⁷ (Botting, 1996, p. 59). *O Morro dos Ventos Uivantes* não pode ser tomado como um romance limitado por seu período literário e tendências da época em que foi escrito, o Romantismo Britânico, ao passo que supera essa classificação estilística e cronológica e se insere numa estética, o gótico, que conta com novas produções em seu acervo até a contemporaneidade.

ECOCRÍTICA, ECOGÓTICO E ECOHORROR

A Natureza não pode ser dissociada da narrativa do romance de Emily Brontë. Ela é a primeira a ser trazida à tona na narrativa, no próprio título da obra, que evoca os seus ventos e suas terras. Assim, a ecocrítica pode ser aplicada ao analisar o seu enredo, pois, ao mesmo tempo que a autora descreve o ambiente em que as personagens vivem, o leitor já consegue perceber a relação que estas têm com a natureza que as rodeia, através da composição do romance. Desta forma, é possível afirmar que a descrição do local não é algo simplista, pois, o ambiente, o espaço em que a narrativa se desenvolverá é apresentado aos leitores enquanto já é possível perceber como o mesmo é intrínseco à formação dos personagens que ali vivem.

Acabo de chegar de uma visita a meu senhorio – o solitário vizinho com quem eu talvez tenha que me preocupar. Esta é certamente uma bela região! Em toda Inglaterra, não acredito que eu pudesse ter me instalado em um local tão completamente afastado do burburinho social. O Paraíso perfeito para um misantropo – e o Sr. Heathcliff e eu formamos um par adequado para dividir a desolação entre nós. (Brontë, 2019, p. 21)

Assim, é possível notar como o ambiente onde Heathcliff se coloca reflete seu comportamento e até o seu desejo de se manter distante de preconceitos e julgamentos por parte da sociedade. Ele não apenas se isola da sociedade que tanto já o julgou, mas constrói o seu próprio Paraíso para que ela não chegue até ele.

The moors are very close to Emily Brontë's heart, and she describes them as dangerous, but at the same time, she depicts them with love. They are a place where Catherine and Heathcliff find freedom, and where the wind blows constantly. When Catherine experiences her saddest moments, she longs for her old home on the moors and her own room, where she could breathe the

⁷ “a melancolia e escuridão de paisagens sublimes tornam-se marcadores externos de estados mentais e emocionais internos” (tradução minha).

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

wind coming from the desolate, wide open spaces.⁸ (Adisaputera *et al.*, 2020, p. 1629)

Antes mesmo das ações dos personagens é o espaço que surge para iniciar a narrativa e se apresentar para o visitante que chega nas charnecas, o Sr. Lockwood:

Antes de atravessar o umbral, fiz uma pausa para contemplar com interesse uma quantidade de **entalhes grotescos** espalhados pela fachada, sobretudo sobre a porta principal, acima da qual, entre um emaranhado de grifos e de menininhos desavergonhados, percebi a data '1500' e o nome 'Hareton Earnshaw'. Eu teria feito alguns comentários e solicitado uma rápida explicação a respeito do lugar para o **taciturno proprietário**, mas sua atitude, parado à porta, parecia exigir minha entrada rápida ou saída imediata, e eu não tinha a menor vontade de aumentar a sua impaciência, antes de inspecionar o interior da casa (Brontë, 2019, p. 23, grifos meus)

9

Neste excerto, os pontos em destaque são, em primeiro lugar, a descrição do local, que recorre a tropos góticos como o grotesco, em relação aos entalhes e a data gravada na entrada ao lado do nome "Hareton Earnshaw", identificando o edifício como uma típica casa gótica, que pertence à mesma família há muitas gerações, é sombria e possui elementos decorativos que remetem ao medo, ao horror e ao passado que ainda assombra a família/casa. Em um segundo plano de análise, já é possível perceber que, para o atual proprietário da casa – Heathcliff –, qualquer pessoa que entre no seu espaço ocupa a posição de invasor da sua casa e, de certa forma, de seu próprio interior, a explorar as suas entranhas e fraquezas. A pressa com a qual Lockwood entra na casa e conclui aquilo que tinha ido fazer em Wuthering Heights evidencia isto.

O espaço nem sempre foi uma categoria narrativa amplamente estudada. Em Gérard Genette, esta categoria era classificada apenas como o local onde se passam as ações das personagens e não foi amplamente desenvolvida como as categorias de tempo e narração. Além disso, no estruturalismo, a descrição do espaço era intrinsecamente ligada à passagem de tempo ou ao efeito de realidade que a narrativa precisava construir. Estas classificações para tal categoria não se adequam ao espaço construído por Emily Brontë em seu romance. As charnecas de Wuthering Heights e seus ventos não apenas situam o leitor causando efeito de realidade ou são descritos para elaborar a passagem do tempo na narrativa, mas sim

⁸ "As charnecas ocupam um lugar muito especial no coração de Emily Brontë, que as descreve como perigosas, mas, ao mesmo tempo, retrata-as com carinho. São um lugar onde Catherine e Heathcliff encontram a liberdade e onde o vento sopra incessantemente. Quando Catherine vive os seus momentos mais tristes, anseia pela sua antiga casa nas charnecas e pelo seu próprio quarto, onde podia respirar o vento que soprava dos vastos espaços desolados." (tradução minha).

DOSSIÊ "GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO"

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

constituem um actante na vida dos demais personagens da obra. Seu ambiente influencia diretamente os comportamentos de Catherine, Heathcliff e demais atores.

Uma triste visão eu tive: a noite escura caindo antes da hora, e o céu e os morros se misturando um **implacável** rodado de vento e de neve sufocante.

[...]

— O que devo fazer? — continuei, com **irritação crescente**.

[...]

— Eu só fico pensando como é que **vosmecê pode ficá aí preguiçando ou fazendo coisa pió, quano todo mundo saiu pra trabaia**. [...]

Por uns instantes, imaginei que essa bela peça de eloquência fosse dirigida a mim; e, suficientemente **irritado**, dei um passo à frente do velho patife com a intenção de chutá-lo para fora da porta.

Contudo, a Sra. Heathcliff me deteve com sua resposta.

— **Velho hipócrita escandaloso!** [...]

(Brontë, 2019, p. 55, grifos meus)

Na passagem acima, Sr. Lockwood se irrita por estar preso na casa sem conseguir voltar para Thrushcross Grange, o velho criado Joseph se incomoda com a Sra. Catherine Heathcliff, que está brincando distraída com os palitos de fósforo na lareira, revida a provocação do servente, ameaçando-o com a promessa de fazer Magia Negra. Nota-se, portanto, no excerto que o Sr. Lockwood, assim como os demais membros da casa estão reativos e irritadiços, uma vez que o tempo se fecha no exterior, os ânimos se exaltam no interior, como um reflexo da tempestade que acomete o morro do lado de fora.

A ecocrítica, tal como qualquer corrente crítica, passou por várias fases que contribuíram para o seu desenvolvimento e consolidação. Ao passo que questões acerca da ecologia se tornaram mais frequentes nos debates sociais, a análise de obras literárias que tratam deste mesmo tema se tornou mais frequente entre os acadêmicos. Esta vertente crítica pode ser entendida, de modo geral, como: “the study of the relationship between literature and the physical environment”⁹ (Adisaputera *et al.*, 2020, p. 1624). Esta descrição do campo permite que a ecocrítica se distancie do Naturalismo, enquanto este último defende que os seres humanos são um produto do ambiente em que vivem. Na corrente seguida neste artigo, a natureza e os personagens que nela vivem são atores no enredo da narrativa.

Além disso, esta corrente surge com a contribuição do pensamento marxista e feminista, ligando o natural, o não humano, ao contexto social dos seres humanos.

⁹ “o estudo da relação entre a literatura e o ambiente natural” (tradução minha).

Marxist or feminist critics to believe that they are contributing towards social change, green critics should not approach poetry with a «set of assumptions or proposals about particular environmental issues, but as a way of reflecting upon what it might mean to dwell with the earth». Bate's own discussion of the "peasant poet" John Clare identifies the way in which he viewed «the „rights of man" and the „rights of nature" as co-extensive and codependent», with his poetry foregrounding the mutual suffering of the earth and the rural poor as a result of the enclosure of common land and the ensuing destruction of ancient habitats. „wilderness" to evoke, in English literature «wild nature invariably co-exists with agricultural or industrial activity, or human settlement, migration or leisure patterns, each shaped, partially, by the dominant modes of production and social organisation»¹⁰ (Adisaputera *et al.*, 2020, p. 1626)

Em adição à perspectiva Ecocrítica de Abdurahman Adisaputera *et al.* (2020), é possível ir mais além na nomenclatura pela qual é possível chamar a forma como a Natureza age na narrativa de Emily Brontë. Não é um ambiente natural qualquer que está presente no enredo do romance, mas sim um que é constituído de elementos góticos. Como pode ser notado na passagem em que o Sr. Lockwood desperta após um pesadelo com o espectro de Catherine e Heathcliff remedia a situação:

Ele subiu na cama e escancarou as gelosias, deixando-se dominar, ao abri-las, por uma incontrolável crise de choro.
— Entre! Entre! — soluçava ele — Cathy, venha. Oh, venha...uma vez mais! Oh, meu tesouro, ouça-me desta vez...Catherine, finalmente!
O espectro demonstrou ter o capricho comum dos **espectros**: não deu sinal de vida; mas a neve e o vento revoltearam violentamente, chegando até onde eu estava, e **apagando a luz**.
(Brontë, 2019, p. 55, grifos meus)

Há a presença de elementos como o espectro de Catherine, que também é um símbolo do passado fantasmagórico de Whutering Heughts, e da escuridão que se estabelece após a vela do Sr. Lockwood ser apagada pela natureza espectral. Assim, o Ecogótico, que estuda

¹⁰ "Tal como os críticos marxistas ou feministas acreditam estar contribuindo para a mudança social, os críticos ecológicos não devem abordar a poesia com um 'conjunto de pressupostos ou propostas sobre questões ambientais específicas, mas sim como uma forma de refletir sobre o que pode significar viver em sintonia com a terra'. Na discussão feita por Bate sobre o 'poeta camponês' John Clare identifica a forma como este via 'os 'direitos do homem' e os 'direitos da natureza' como coextensivos e codependentes', com a sua poesia a colocar em primeiro plano o sofrimento mútuo da terra e dos pobres rurais, em resultado do cercamento das terras comuns e da consequente destruição de habitats ancestrais. A 'natureza selvagem' para evocar, na literatura inglesa, 'a natureza selvagem coexiste invariavelmente com a atividade agrícola ou industrial, ou com os padrões de povoamento humano, migração ou lazer, cada um moldado, em parte, pelos modos dominantes de produção e organização social'." (tradução minha)

DOSSIÊ "GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO"

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

a inserção de temas como a revolta da natureza contra a humanidade na construção do *locus horribilis*, é um termo mais adequado para classificar a Natureza no romance em análise.

ecogothic encompasses a nature “**independent of human presence**”. As the term moves from vague ecocritical perspectives of Gothic landscapes and/or bodies and confidence in the use of combined theories grows, distinctive critical frameworks such as ecofeminist Gothic and material ecogothic are emerging to **interrogate the human-nonhuman interconnectedness**.¹¹ (Fitzpatrick, 2023, p. 262, grifos meus)

Por outro lado, no Ecohorror a dinâmica com o elemento humano é diferente: “ecohorror encapsulates ‘revenge-of-nature’ narratives that imply the centrality of human protagonists as both agitator and victim, vital in evoking the ‘feelings of loathing, repugnance, aversion, dread, and outright terror’ associated with horror”¹² (Fitzpatrick, 2023, p. 262).

Levando em conta essas definições, é possível então afirmar que *O Morro dos Ventos Uivantes* se constitui como um romance de Ecohorror. A ação humana instiga o horror e suas personagens instigam as revoltas da Natureza ao mesmo tempo em que são vítimas das ações da mesma. Catherine, ao sair de Wuthering Heights e se afastar da Natureza, começa a ser assombrada pela mesma – seja pelos ventos revoltos que chegam a ela, seja pela memória dela em seu passado –, e, ao se entregar à morte e se integrar novamente com ela, a jovem passa a atuar pela/na Natureza sobre os demais personagens da narrativa.

Neste contexto, são especificamente os ventos, como dito no próprio nome do romance, uivantes, que atuam como elemento da Natureza que causa horror, medo, repulsa, especialmente nos Linton e assustam o recém-chegado Sr. Lockwood em sua primeira noite em Wuthering Heights. Entretanto, os Linton são personagens que representam e perpetuam os valores machistas e patriarcais da sociedade da época e, não coincidentemente, são habitantes da casa rica oposta a Wuthering Heights: Thrushcross Grange. Ao passo que o Sr. Lockwood, que é o locatário deste mesmo imóvel dos Linton, se apresenta como um forasteiro que quer estar inserido no contexto de Wuthering Heights e até mesmo se identifica com seu senhorio: Heathcliff.

¹¹ “o ecogótico abarca uma natureza que é ‘independente da presença humana’. Conforme o termo se afasta de perspectivas ecocríticas vagas sobre paisagens e/ou corpos góticos e cresce a confiança na aplicação de teorias combinadas, surgem quadros críticos distintos, como o gótico ecofeminista e o ecogótico material, para questionar a interligação entre o humano e o não humano.” (tradução minha)

¹² “O ecohorror resume narrativas de ‘vingança da natureza’ que sugerem a centralidade dos protagonistas humanos, tanto como instigadores como vítimas, essenciais para evocar os ‘sentimentos de repulsa, repugnância, aversão, pavor e terror absoluto’ associados ao horror.” (tradução minha)

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

A NATUREZA COMO PERSONAGEM

A categoria narrativa de personagem é de extrema importância, assim como a de espaço, na construção de um romance. Antonio Candido (2009, p. 39) constata que, num romance, “o enredo existe através das personagens”. É possível afirmar que a Natureza em *O Morro dos Ventos Uivantes* não é apenas o lugar onde as personagens vivem e interagem entre si, mas é também um personagem fundamental para o enredo, já que influencia diretamente na sua construção socioemocional das outras personagens, determinando os sentimentos daqueles que habitam a charneca.

Outra descrição muito importante é apresentada no início da narrativa, quando a propriedade do morro é descrita para os leitores:

[...] ‘Wuthering’ é um expressivo termo regionalista que descreve o tumulto atmosférico a que é submetida a propriedade em épocas de tempestade. Uma ventilação saudável e revigorante eles devem ter lá do alto, em todas as ocasiões, na verdade: é possível adivinhar a força do vento do norte, soprando sobre a ribanceira, por causa da inclinação excessiva de uns **poucos e esqueléticos abetos na parte da trás da casa, e por uma fila de raquíticos espinheiros que estiravam seus galhos em uma só direção, como se esmolassem os raios de sol.** (Brontë, 2019, p. 22, grifo meu)

Tendo em conta estas descrições, é possível perceber que a casa de *O Morro dos Ventos Uivantes* também pode ser considerada um refúgio para o seu atual proprietário, Heathcliff. A casa do romance de Emily Brontë representa a natureza e a ligação com o não humano, e estas características são personificadas nas figuras de Catherine e Heathcliff; em contraponto, existe a propriedade de Thrushcross Grange, que representa o modo de vida burguês e a ligação com os bens materiais, sendo possível destacar a família Linton como personagens representativas deste aspeto.

Assim, é possível concluir que Emily Brontë recorre a descrições dos elementos do ambiente e à influência que estes exercem sobre as personagens para formular uma crítica à organização social e aos comportamentos da época e para opor duas classes sociais diferentes. Quando Catherine se casa com Edgar Linton, inicialmente fica implícito que ela se rendeu à pressão material e social que sobre ela pesava; no entanto, é após a morte que Catherine conclui a sua jornada e encontra a sua liberdade na Natureza, mais tarde acompanhada pelo seu amado Heathcliff. Concorde-se, portanto, com a afirmação de que “by writing *Wuthering Heights* Emily

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Brontë attacked the social conventions that existed in her lifetime”¹³ (Adisaputera *et al.*, 2020, p. 1628).

O final do romance apresenta a formação de dois casais que passam a viver juntos em plena paz, pois se conectam com a Natureza. São eles: Catherine e Heathcliff, Catherine Linton e Hareton Earnshaw.

No final do romance, quando Heathcliff e Catherine morrem, observa-se que as duas personagens que passaram a infância e adolescência em uma vida harmoniosa com a Natureza – mas no caso de Catherine há um afastamento na vida adulta após seu casamento com Edgar Linton –, deixam de viver no plano material e humano, o que poderia significar que houve uma vitória da burguesia e do mundo material, já que a vida terrena acabou. No entanto, na morte, o casal encontra felicidade e liberdade, pois pode viver para sempre juntos nas charnecas, no meio da Natureza que tanto amam e entram em (re)conexão com a terra. Desta forma, é possível afirmar que a paz e a alegria das personagens principais do romance só são restabelecidas quando regressam à Natureza pela morte de seus corpos materiais e se fundem, em sua imaterialidade fantasmagórica, com o ambiente a que pertencem.

Por fim, no que diz respeito a Catherine Linton e Hareton Earnshaw, é possível afirmar que Emily Brontë sugere a existência de um equilíbrio entre a natureza e a sociedade moderna, uma vez que Catherine é a filha de Thrushcross Grange, educada, refinada e rica, pertencente à alta sociedade, enquanto Hareton é o único herdeiro de Wuthering Heights, rude, bruto e, mais ainda, “the spokesman of nature”¹⁴ (Adisaputera *et al.*, 2020, p. 1632). Além disso, é possível notar, mais uma vez, a personificação de elementos não humanos nas personagens do romance. O poder desta união pode ser evidenciado nas palavras de Emily Brontë (2019, p. 446) no final do romance: “— Eles não têm medo de nada — resmunguei, observando sua aproximação pela janela — Juntos, enfrentariam Satã e todas as suas legiões”.

Em uma primeira leitura da obra, estas relações entre as personagens e a Natureza são vistas, à primeira vista, como algo orgânico e simples. Mas, ao dar enfoque para a questão do ambiente e a forma como as personagens se organizam e agem em relação a ele ao longo do enredo, é possível perceber o árduo trabalho estético que a autora teve para tornar o espaço não apenas um local, mas uma personagem na trama narrativa, no sentido de que a mesma se desenvolve a partir das suas relações naturais e ações durante a interação que mantém com as outras personagens humanas.

¹³ “ao escrever *Wuthering Heights*, Emily Brontë atacou as convenções sociais que existiam em sua época” (tradução minha).

¹⁴ “o porta-voz da Natureza” (tradução minha).

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Ao lançar mão de elementos românticos e góticos em seu romance, Emily Brontë subverte e questiona os valores patriarcais por meio da atuação da Natureza que habita Wuthering Heights. Ao mesmo tempo em que isso consagra a sua obra como atemporal, ela ainda horroriza aqueles que buscam manter e reforçar estes mesmos valores, não apenas os Linton, habitantes de Thrushcross Grange, mas também alguns dos seus leitores que podem compartilhar destes valores.

Além de personagem, a Natureza também se faz narradora do romance. Nelly Dean ocupa a posição de narradora onisciente ao mesmo tempo em que também é personagem onipresente nas ações, seja como ouvinte ou como conselheira – especialmente no caso de Catherine. Apenas uma força superior poderia executar essa função num enredo e esta seria a Natureza. Nas palavras da própria ama: “— É uma história de cuco, senhor. Sei tudo a respeito dela, a não ser onde ele nasceu, quem foram os pais dele e como conseguiu dinheiro no início” (Brontë, 2019, p. 63). Uma vez que Heathcliff passa a viver com a família Earnshaw e Nelly ocupa o lugar de ama de sua mãe, ela já se torna a Natureza que observa a família, principalmente as crianças, que são aquelas que mais estão em contato com os elementos da natureza do Morro: pastos, animais, árvores, etc.

Nelly não é uma Earnshaw, nem uma Linton, e deixa isso claro quando inicia a narração para o Sr. Lockwood. Mas sempre esteve presente desde o princípio da narrativa e, mesmo após a morte dos personagens principais da obra, ela ainda está de volta a Wuthering Heights, ouvindo e vendo tudo ao seu redor. Em suma, Nelly Dean pode ser assumida como a personificação da Natureza, o que faz desta uma personagem, ou melhor, a personagem principal de *O Morro dos Ventos Uivantes*.

Após a partida de Sr. Lockwood para Londres, algumas mudanças acontecem na dinâmica de Wuthering Heights, entre elas, o retorno de Nelly Dean para lá para fazer companhia para a jovem Catherine Heathcliff. A alegria de Catherine com essa nova dinâmica dura pouco:

A ilusão não durou muito tempo. Catherine, a princípio contente, em pouco tempo ficou irritada e inquieta. Por um lado, ela era proibida de sair do jardim, e a afigia demais ficar confinada a seus estreitos limites, à medida que a primavera passava; por outro lado, ao vir trabalhar aqui, eu era obrigada a deixá-la sozinha com frequência, e ela reclamava de solidão. Ela preferia brigar com Joseph na cozinha a ficar sentada sozinha tranquila. (Brontë, 2019, pp. 413-414)

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Nessa passagem, é possível perceber como a privação do contato e da interação com a personagem Natureza, diretamente relacionada ao sentimento de liberdade, modifica o comportamento da jovem Catherine Linton para uma versão de si que está constantemente agressiva e inquieta. Indo mais além, a jovem já era privada do contato com a Natureza em si e vê certa alegria ao saber que poderá ao menos conviver novamente com a personificação da mesma, Nelly Dean, mas essa alegria se esvai com a ausência de Nelly.

Nelly Dean, após a morte de Catherine Earnshaw, assume a maternação da filha recém-nascida da mesma. Assim como a Natureza acolhe suas plantas e animais, a ama acolhe a criança agora sem mãe. Aquela que viria a se tornar Catherine Heathcliff é, dessa forma, criada e nutrida pela própria Mãe Natureza, o que explica por que Joseph não duvida que a moça é uma bruxa praticante de magia, e, por isso, também, a falta de contato com a Natureza faz da jovem infeliz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A combinação da estética romântica e gótica na obra *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë, não apenas reflete uma tendência da época em que o romance foi escrito. A forma como a autora criou os seus personagens faz com que a Natureza, por meio de Nelly Dean e de sua ação em si, se torne a personagem principal do enredo e que a obra em si se enquadre na vertente crítica desenvolvida na contemporaneidade, a Ecocrítica.

Subversivo e crítico, o enredo do romance tratava de temas muito à frente de seu tempo, hoje lido como um ato de resistência feminino poderoso, na época era aterrorizante para todos aqueles que desejavam manter o controle patriarcal na sociedade. Dessa forma, o horror não é causado apenas pelos elementos góticos da narrativa, mas pelo seu próprio tema e pela forma como a Natureza se rebela contra a sociedade burguesa e machista do século XIX.

A Natureza, personagem principal da obra, é uma força superior pela qual os personagens reconhecem os seus valores e potências, ocupando a posição de mentora/conselheira e de juíza ao longo da vida dos atores. A recusa dos mesmos leva à decadência, aflição e tristeza. Ao mesmo tempo em que a afirmação dos mesmos leva à exclusão e opressão por parte da sociedade patriarcal. Mas, da mesma forma, ao buscar a (re)conexão com a Natureza, os sujeitos estarão pela eternidade em junção com o paraíso que ela mesma representa à humanidade.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

REFERÊNCIAS

- ADISAPUTERA, Abdurahman *et al.* A study of Wuthering Heights from the perspective of eco-criticism. In: **Budapest International Research and Critics in Linguistics and Education (BirLE) Journal**, v. 3, n. 4, pp. 1623-1633, November 2020.
- BOTTING, Fred. **Gothic**: the new critical idiom. Londres e Nova York: Routledge, 1996.
- BRONTË, Emily. **O morro dos ventos uivantes**. Tradução de Solange Pinheiro. São Paulo: Martin Claret, 2019.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. 2ª edição. São Paulo, Editora Perspectiva, 2009.
- FITZPATRICK, Teresa. The Rise in Ecohorror and Ecogothic Criticism. In: BACON, S. **The Evolution of Horror in the Twenty-First Century**. Lanham: Lexington Books, 2023, pp. 261-276.
- FRANÇA, Júlio. O Gótico e a presença fantasmagórica do passado. In: **Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC)**, 15, 2017, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: UERJ, 2017. Disponível em: encurtador.com.br/creJ. Acesso em: 26 abr. 2026.
- GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **The madwoman in the attic**: The woman writer and the 19th century literary imagination. 2nd edition. New Heaven e Londres: Yale University Press, 2020.
- ROSENFELD, Anatol. Personagem e ficção. In: CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. 2ª edição. São Paulo, Editora Perspectiva, 2009.
- SMITH, Andrew; HUGHES, William. **Ecogothic**. Manchester: Manchester University Press, 2013.

Recebido em: 31/05/2026

Aceito em: 03/08/2026

Publicado em: 23/08/2026

DOSSIÊ "GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO"

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

THE NATURE IN EMILY BRONTË'S *WUTHERING HEIGHTS*

Verônica Pastre Ballestero

UNESP
Faculdade de Ciências e Letras,
Campus Araraquara

(v.ballestero@unesp.br)

Coautor: Aparecido Donizete Rossi

UNESP
Faculdade de Ciências e Letras,
Campus Araraquara

(aparecido.rossi@unesp.br)

ABSTRACT

This article seeks to analyze the *locus horribilis* in Emily Brontë's *Wuthering Heights* and the way it is used not only to create a Gothic aesthetic and atmosphere, but also to function as a character within the plot, influencing the other characters in the narrative and their behaviors. Based on the definition of the Gothic found in the studies by Fred Botting (1996) and Júlio França (2017), on the reflections on Ecocriticism in Abdurahman Adisaputera *et al.* (2020), and in the studies on Ecogothic and Ecohorror by Andrew Smith and William Hughes (2013) and Teresa Fitzpatrick (2023), as well as in the postulates of Literary Theory and Criticism by Sandra M. Gilbert and Susan Gubar (2020) and Antonio Candido (2009) regarding characters in narratives. The setting and atmosphere of the novel will be analyzed as a character of the narrative, which plays a crucial role in shaping the other characters, their relationships within the plot, and the emotions the narrative evokes in its readers.

Keywords: *Wuthering Heights*; Gothic; Ecogothic.

DOSSIÊ "GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO"

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

LA NATURALEZA EN *CUMBRES BORRASCOSAS*, DE EMILY BRONTË

Verônica Pastre Ballestero

UNESP
Faculdade de Ciências e Letras,
Campus Araraquara

(v.ballestero@unesp.br)

Coautor: Aparecido Donizete Rossi

UNESP
Faculdade de Ciências e Letras,
Campus Araraquara

(aparecido.rossi@unesp.br)

19

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar el locus horribilis de *Cumbres Borrascosas*, de Emily Brontë, y la forma en que se utiliza no solo para crear una estética y una atmósfera góticas, sino también como un personaje de la trama que influye en los demás protagonistas de la narración y en sus comportamientos. Basándose en la definición del gótico presente en los estudios de Fred Botting (1996) y Júlio França (2017), en las reflexiones acerca de la ecocrítica en Abdurahman Adisaputera *et al.* (2020) y en los estudios sobre Ecogótico y Ecohorror de Andrew Smith y William Hughes (2013) y Teresa Fitzpatrick (2023), así como en los postulados de la teoría y la crítica literaria de Sandra M. Gilbert y Susan Gubar (2020) y Antonio Candido (2009) sobre los personajes en las narrativas. El escenario y la ambientación de la novela serán analizados como personajes de la narrativa, de gran importancia para la construcción de los demás actantes, en sus relaciones dentro de la trama y en los sentimientos que la narrativa despierta en sus lectores.

Palabras-clave: *Cumbres Borrascosas*; Gótico; Ecogótico.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-19
-------------------------------------	-------------	-------	------	------